

coleção
moacyr
scliar

No Caminho *dos* Sonhos

Ilustrações *Maurício Paraguassu
e Dave Santana*



No caminho dos sonhos
© Moacyr Scliar, 2005

Diretor editorial adjunto
Coordenadora editorial
Editor assistente
Coordenadora de revisão
Revisoras

Fernando Paixão
Gabriela Dias
Leandro Sarmatz
Ivany Picasso Batista
Luicy Caetano
Cátia de Almeida

ARTE

Projeto gráfico e capa
Editores

Editores assistentes

Editoração eletrônica

Victor Burton
Antonio Paulos
Cintia Maria da Silva
Claudemir Camargo
Eduardo Rodrigues
Ana Paula Brandão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S434n

Scliar, Moacyr, 1937-

No caminho dos sonhos / Moacyr Scliar. - São Paulo :

Ática, 2005

il. - (Coleção Moacyr Scliar)

Apêndice

ISBN 978-85-08-09775-3

1. Scliar, Moacyr, 1937-. Família - Literatura infantojuvenil. 2. Século XX - História - Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Série.

05-0997.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 09775-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 09776-0 (professor)

2012

1ª edição

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2005

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

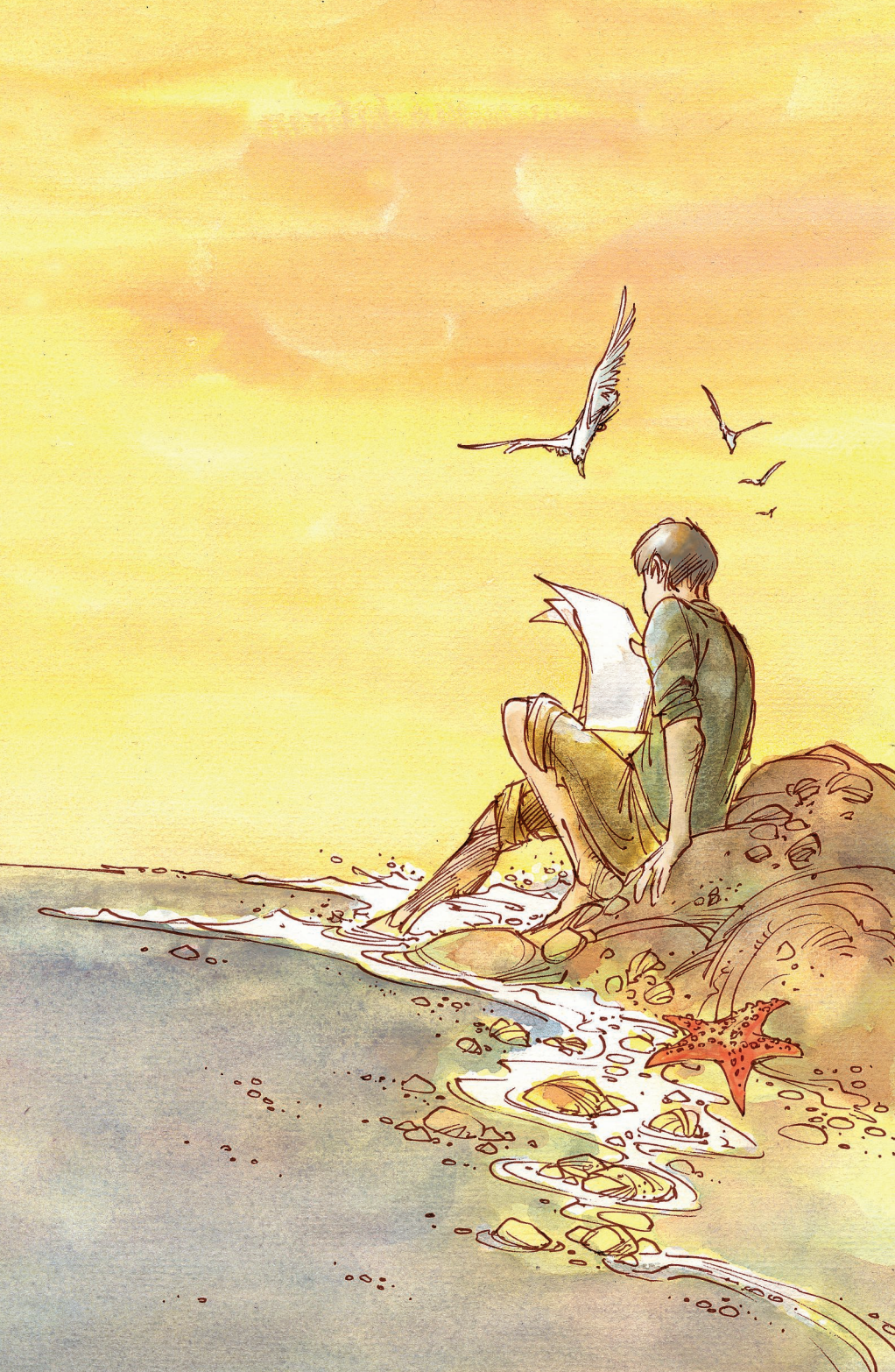
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Caminhante, não há caminho.
Faz-se caminho ao andar*
Antônio Machado



Sua mãe veio me procurar na semana passada, Marcelo, e estava desesperada. Contou-me que você havia deixado os estudos e saído de casa para ir morar sozinho numa praia quase deserta no estado do Rio de Janeiro. Ela me mostrou a carta que você deixou, dizendo que está farto de sua vida quadrada, certinha. “Não quero seguir os passos do meu pai e do meu avô”, afirma você, “pessoas que nunca ousaram nada, que nunca descobriram nada. Quero descobrir a mim mesmo, quero descobrir o país onde vivo”. Isso você pretende fazer entre pescadores.

Acho respeitável a sua vontade, Marcelo, mas fico apreensivo com a situação. Não só por causa dos eventuais riscos que você possa vir a correr, que afinal nem me parecem tão grandes assim, apesar dos temores de sua mãe, mas sobretudo pelo engano em que você possa estar incorrendo. Seu avô e seu pai não foram as figuras medíocres que você imagina; foram jovens como você, sonharam como você, descobriram coisas como você.

Sua mãe pediu que eu lhe escrevesse. Sou seu padrinho; desde a morte de seu pai, me considero responsável por você. Sim, mas escrever o quê? Conselhos? Creio que você não precisa de conselhos e muito menos, de sermão. Resolvi então fazer o que faço como escritor, e contar para você uma história. Uma não, duas histórias. Que têm como personagens, respectivamente, seu avô e seu pai. A história de seu avô, Wolf Dreizinger, eu a reconstituí a partir da narrativa que ele mesmo me fez; a história de seu pai, eu a acompanhei de perto.

Vamos a elas, então.

NASCIDO EM VARSÓVIA, Wolf Dreizinger era filho de um casal estranho. A mãe, uma cantora sem muito sucesso, ficava horas no banheiro, entoando árias de ópera. Seu sonho era fazer parte de uma companhia lírica. Já o pai, comerciante, tinha fascínio pelas coisas secretas: a cabala, a magia negra, a alquimia. Instalara, no porão da casa, uma espécie de laboratório, onde tentava refazer as experiências dos alquimistas, para obter ouro a partir do mercúrio e de outros metais menos nobres.

Dos pais, Wolf herdou uma dupla vocação, que a seu modo transformou. No começo, queria ser ator e chegou até a desempenhar pequenos papéis no teatro da escola. Mais tarde, a química o fascinou. O pai, satisfeito com essa escolha, que lhe parecia, de certo modo, uma continuação de seu trabalho, matriculou-o numa escola técnica. Wolf se revelou um aluno brilhante. Em breve, seus professores diriam que ele nada mais tinha a aprender em Varsóvia. O pai decidiu então enviá-lo para a Alemanha. Foi uma decisão difícil.

Wolf era o único filho e, além disso, à época, o nazismo começava sua ascensão. Mas o rapaz estava entusiasmado. De modo que o pai vendeu umas poucas coisas que tinha, inclusive as antigas retortas nas quais fazia as experiências de alquimia, e arranjou o dinheiro necessário. A despedida foi comovente. Na estação, a mãe entoou uma pungente ária de Verdi diante de uma pequena multidão que soluçava. Por fim, Wolf os abraçou e se foi.

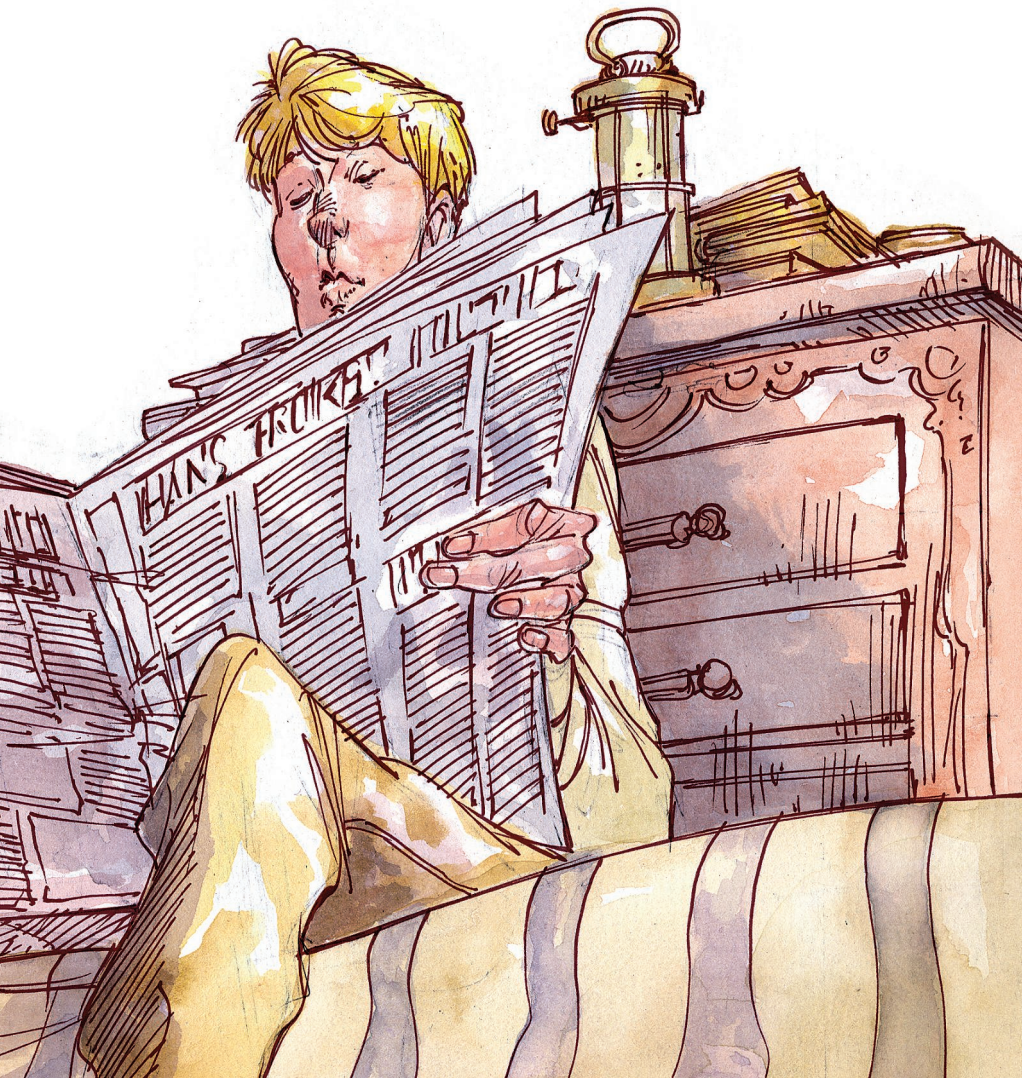
Em Berlim concluiu com êxito seu curso de química. Tinha então apenas dezenove anos. Logo arranjou um estágio numa grande indústria de explosivos. Era um assunto que nunca interessara a Wolf, mas que agora estava na ordem do dia. Dezenas de químicos trabalhavam no estabelecimento, procurando novos e mais potentes explosivos. A fábrica dispunha de um grande lugar subterrâneo para testes, e dali se ouvia, dia e noite, o surdo ribombar das explosões. Nas cartas que escrevia aos pais, Wolf omitia o tipo de trabalho em que estava envolvido; não queria desgostar aquelas pessoas pacíficas e bondosas. Preferia dizer que estava pesquisando tecidos sintéticos. Os pais ficavam satisfeitos, e a pequena mentira não chegava a pesar muito na sua consciência. Levava uma existência modesta. Levantava cedo, ia para o laboratório, onde passava o dia inteiro trabalhando. À noite voltava para sua humilde pensão, um lúgubre estabelecimento, cujo teto imitava um céu escuro recamado de estrelas e planetas, e ali ficava, lendo ou ouvindo música. A dona do local, uma velha estranha, raramente dirigia a palavra a ele, a não ser para lembrar que o fim do mês estava próximo, e que prezava a pontualidade nos pagamentos mais que qualquer outra coisa na vida. Com os demais hóspedes, quase todos

peças de idade avançada, Wolf também não falava muito. Às quartas ia ao cinema, e aos sábados a um cabaré das redondezas, o *Schatzi*, cujas mesas eram dotadas de telefones pelos quais era possível falar com as bailarinas da casa. Lá pelas tantas Wolf convidava uma delas para dançar, tratava o preço e iam para a casa de cômodos ao lado.

Nesse meio-tempo Hitler tinha subido ao poder e Wolf, judeu, começava a ser hostilizado. Até então raramente se apercebera de sua condição judaica. Os pais não haviam dado a ele uma educação religiosa ou tradicional. Os poucos e tolos incidentes antissemitas em que se envolvera não o haviam motivado para o judaísmo. Considerava-se um cientista, um cidadão do mundo. Isso, entretanto, não o salvou de, certa tarde, ser chamado ao escritório da companhia. Ali encontrou um homem, que pelas roupas e pelo jeito de falar não teve dificuldade em identificar como um membro da polícia secreta, a Gestapo. Foi interrogado demoradamente sobre sua vida e os motivos que o tinham levado à Alemanha. Respondeu tudo de maneira sincera, mesmo



porque acreditava na verdade, no supremo poder da verdade. O homem quis saber em que projeto estava envolvido e ele contou que pesquisava um novo explosivo à base de materiais sintéticos, muito mais barato e eficaz. O agente perguntou quem mais estava trabalhando no assunto e ele disse que ninguém: era uma linha de pesquisa que desenvolvera por conta própria, com o apoio da direção da fábrica.



Desde então Wolf Dreizinger começou a ser seguido. Mesmo no *Schatzi* notava, ocasionalmente, a presença de um homem baixo, atarracado, de capa e óculos escuros, sentado a uma mesa não distante da sua: um agente secreto, sem dúvida. Não se importava. Não tinha feito nada de mal. Além disso, sua pesquisa entrara numa fase decisiva e ele não conseguia pensar em outra coisa. Sentia-se à beira de uma grande descoberta. Muitas vezes acordava no meio da noite, exultante, e corria a tomar nota de uma ideia que lhe ocorrera. Lembrava-se, a propósito, do grande Kekulé, o famoso químico que durante muito tempo procurara, inutilmente, uma forma para o núcleo do benzeno. Uma noite, exausto, Kekulé adormecera e sonhara com uma serpente que mordida o próprio rabo, o Ouroboros dos alquimistas. Pensou então que o

